

**TRANSITIVIDADE DE VERBOS PSICOLÓGICOS:
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Joana Angelica Santos Lima (UNEB)
joanalimma@yahoo.com.br

RESUMO

Na visão funcionalista, a transitividade é propriedade gradual da oração, a qual deve ser analisada avaliando os seguintes parâmetros: participantes; cinese, aspecto e pontualidade do verbo; intencionalidade do sujeito; polaridade e modalidade da oração; agentividade do sujeito; afetamento e individuação do objeto. Esse trabalho tem como objetivo analisar, à luz do funcionalismo norte-americano, a transitividade de verbos psicológicos\sentimento, presentes em orações expressas em três charges do tipo engraçada divulgadas online. Foram analisadas, no presente estudo, quatro orações, cujos resultados revelaram que as mesmas (compostas com os verbos amar, odiar, gostar e apaixonar-se) não apresentam alta escala de transitividade, principalmente por causa da ausência da cinese, da intencionalidade do sujeito e agentividade do sujeito e do afetamento do objeto.

Palavras-chave: Transitividade. Verbo. Funcionalismo.

1. Introdução

O presente estudo visar analisar a transitividade verbal na perspectiva do Funcionalismo norte-americano. Para essa análise serão utilizadas quatro orações extraídas de três charges de natureza variada (política, engraçada) estruturadas com verbos psicológicos\sentimento (AZEVEDO, 2000). Esse artigo está organizado em quatro seções: na seção 2, será feita uma reflexão acerca da transitividade na concepção da gramática tradicional (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008); da gramática descritiva (PERINI, 1995) da gramática funcionalista (HOPPER & THOMPSON, 1980). A seção 3, constituirá da metodologia utilizada, da constituição e análise do *corpus*. Na seção 4, será feita uma breve reflexão sobre os resultados encontrados.

2. Transitividade verbal: diferentes abordagens

De acordo com a tradição gramatical (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008), a transitividade verbal refere-se ao movimento do verbo, muitas vezes, em direção a um complemento (objeto direto e objeto indireto). Assim, os verbos podem ser transitivos (quando exigem

complemento), como os exemplos em 1, ou intransitivos (quando não exigem complemento), como os exemplos em 2. Como se sabe, os verbos transitivos são classificados em direto (1a), indireto (1b) e direto e indireto (1c).

José	a) viu	<u>Maria</u>	
	VTD	OD	
	b) gosta		<u>de Maria.</u>
	VTI		OI
	c) trouxe	<u>flores</u>	<u>para Maria.</u>
	VTDI	OD	OI
	d) saiu		
VI			

Como se pode perceber, os verbos transitivos diretos distinguem-se dos indiretos pela presença ou não da preposição (tal como mostram os exemplos em 1a e 1b, respectivamente). Há verbos que exigem simultaneamente complementos com ou sem preposição (como em 1c), sendo, portanto, qualificados como bitransitivos.

Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2008) acrescentam que a transitividade de um verbo deve ser determinada a partir de um contexto. Assim é possível que um mesmo verbo apresente diferentes transitividades:

- 1- a. Os jovens **reclamam** muito. (VI)
- b. O jovem **reclamou** o irmão. (VTD)
- c- O jovem **reclamou** de seu irmão. (VTI)

Embora não se deixe claro nas gramáticas tradicionais, observa-se que essa distinção se baseia em propriedades sintáticas e semânticas. Sintáticas ao considerar que os verbos transitivos diretos se distinguem dos indiretos por não virem acompanhados de preposição e semânticos porque os verbos transitivos diferem-se dos intransitivos porque precisam de complementos.

Na visão descritiva, a transitividade verbal refere-se à propriedade do verbo. Mário Alberto Perini (1995) a entende como uma questão de regência visto que o verbo determina/rege a ausência ou a presença de um constituinte que complementa seu sentido. Para ele, a classificação dos verbos deve considerar uma matriz de traços formais baseada na aceitação, recusa e aceitação livre dos complementos: A descrição das

transitividades deve ser feita em termos de *exigência, recusa e aceitação livre* de cada uma das funções relevantes. (PERINI, 1995, p. 164)

Vale ressaltar que as funções relevantes a que o autor se refere são objeto direto, adjunto circunstancial, complemento do predicado e predicativo (do objeto).

Mesmo reconhecendo que a transitividade possua relativa propriedade semântica, Mário Alberto Perini defende que a mesma é estritamente sintática:

A concepção de transitividade aqui adotada é puramente sintática (...). No entanto, isso não significa que a transitividade de um verbo não possua correlato algum; pode-se argumentar que, se *comer* admite objeto direto, isso é derivado do fato de que exprime uma ação que envolve um paciente (“uma coisa comida”). (PERINI, 1995, p. 168 e 169)

Ao defender o caráter sintático da transitividade, o autor se opõe à visão tradicional de que esta ocorre conforme o contexto justificando que determinados verbos podem apresentar-se como transitivo direto, transitivo indireto ou até mesmo como intransitivo (conforme exemplos ilustrados em 3) por haver esvaziamento da noção de transitividade.

Orientando-se pela gramática funcional, Paul J. Hopper e Sandra A. Thompson (1980 *apud* CUNHA *et alii*, 2003) defendem que a sentença em sua totalidade é transitiva. A transitividade se associa a uma noção contínua, escalar, representada por um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes. Esses parâmetros ordenam a oração numa escala de transitividade, a qual pode ser alta ou baixa (HOPPER & THOMPSON, 1980 *apud* CUNHA *et alii*, 2003). O quadro abaixo ilustra tais parâmetros da transitividade:

PARÂMETROS	TRANSITIVIDADE ALTA	TRANSITIVIDADE BAIXA
1. Participantes	dois ou mais	apenas um
2. Cinese	ação	não-ação
3. Aspecto do verbo	perfeito	não-perfeito
4. Pontualidade do verbo	puncual	não-puncual
5. Intencionalidade do sujeito	intencional	Não-intencional
6. Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7. Modalidade da oração	modo realis	modo realis
8. Agentividade do sujeito	agentivo	não -gentivo
9. Afetamento do objeto	afetado	não- afetado
10. Individuação do objeto	indivduado	não-indivduado

Quadro 01 - Parâmetros de transitividade (Cunha et alii: 2003, p.37).

Conforme se vê no quadro acima, se a oração apresentar dois participantes, a transitividade é alta; se possuir um participante, a transitividade é considerada baixa. Quanto à cinese, se o verbo for de ação (cinética), a transitividade é alta; se o verbo for de não-ação (não cinética) a transitividade é baixa. Quanto ao aspecto, se o verbo for perfectivo (télicos), a transitividade é alta; se for não-perfectivo (atélico), a transitividade é baixa. Em se tratando da pontualidade, os verbos punctuais são de transitividade alta, e os não-punctuais são de transitividade baixa. No que diz respeito à intencionalidade, transitividade é considerada alta quando há uma intenção do sujeito e baixa quando não há uma intenção do sujeito. Ressalta-se que a pontualidade refere-se ao inesperado de uma ação ou à ausência de uma fase transicional clara entre início e completude. A polaridade afirmativa implica na transitividade alta; e a negativa, transitividade baixa. Quanto à modalidade, quando o modo é realis, tem-se alta transitividade; quando não-realís, tem-se baixa transitividade. A agentividade indica alta transitividade quando os sujeitos de verbos transitivos são agentivos e apresenta baixa transitividade quando os sujeitos desses verbos são não-agentivos. Quanto ao afetamento, quando o objeto é afetado pela ação do verbo, decorrente de uma perfectividade semântica do verbo, a transitividade é alta; se objeto for não-afetado, a transitividade é baixa. Em se tratando de individuação do objeto, o objeto individuado, isto é, quando o argumento referencial é definido, indica alta transitividade, e o objeto não-individado, pois os objetos indefinidos, associados a estruturas intransitivas, indicam, baixa transitividade.

Cunha *et alii* ainda esclarecem que para o funcionalismo norte-americano, a transitividade está associada à função discursivo-comunicativa:

Hopper e Thompsom associam a transitividade a uma função discursivo-comunicativa: o maior ou menor grau de uma sentença reflete a maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos. A universalidade do complexo da transitividade parece residir no fato de que os parâmetros que o compõem estão relacionados ao evento causal prototípico, que é definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto. (CUNHA & CINTRA, 2003, p. 38)

Os autores chamam atenção que existe uma correlação de traços que caracterizam o evento causal prototípico e os parâmetros que identificam a oração transitiva canônica. A transitividade da oração está associada a uma função pragmática. Assim, o falante organiza seu texto levando em conta tanto seus objetivos comunicativos, como as necessida-

des do seu interlocutor. Dessa forma, o texto apresenta uma distinção entre o que é central e o que é periférico. Essa divisão corresponde, respectivamente, a distinção entre figura (parte do texto narrativo que apresenta a sequência temporal dos eventos concluídos, pontuais, afirmativos, reais, sob a responsabilidade de um agente que compõe a comunicação central) e fundo (descrição de ações e eventos (concomitantes à cadeia da figura), dos estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos).

Na perspectiva dessa proposta, o grau de transitividade de uma oração está atrelado a sua função discursiva característica: sendo, portanto, as orações com alta transitividade marcadas por porções centrais do texto correspondentes à figura, e as orações com baixa transitividade por porções periféricas, correspondentes ao fundo.

Uma vez reconhecendo a consistência dessa proposta para melhor compreender como se processa o fenômeno da transitividade na língua, nesse trabalho, propõe-se analisar o grau da transitividade de verbos de sentimento à luz do funcionalismo norte-americano. Para tanto, serão utilizadas orações extraídas de charges, visto que no sentido dessa teoria, a transitividade é a propriedade da oração.

3. Tratamento funcionalista da transitividade de verbos psicológicos

Esse estudo objetiva analisar a transitividade de orações constituídas de verbos psicológicos extraídos de quatro charges obtidas via online, das quais foram destacadas apenas quatro orações para análise.

Vale ressaltar que *charge* é um termo francês (*charger*) que significa *carga*. Trata-se de uma ilustração humorística que envolve a caricatura de um ou mais personagens, feita com o objetivo de satirizar algum acontecimento da atualidade. Por retratar fatos do cotidiano, a charge tem um caráter temporal. Geralmente, utilizada para fazer críticas de natureza política, costuma ser publicada em jornais ou revistas. Para interpretar o significado de uma charge, é necessário estar a par dos acontecimentos políticos nacionais e, também, internacionais. A charge caracteriza-se uma excelente ferramenta para as aulas de língua portuguesa, visto que além de promover aulas mais prazerosas para o aluno, também lhe oportunizará aguçar seu potencial de leitor crítico, visto que sua compreensão aciona além da linguagem, a história e ideologias. Assim sendo, nesse artigo, toma-se a charge como fonte de material objetivando analisar a

transitividade das orações presentes nas mesmas, conforme a proposta do Funcionalismo norte-americano, o qual entende a transitividade como propriedade da oração.

A oração, segundo Thompson e Couper-Kuhl (2005 *apud* CUNHA & CINTRA, 2007) é:

o locus da interação, no sentido de que é um dos formatos gramaticais mais frequentes pelo qual os falantes se orientam para projetar as ações realizadas pelos enunciados dos seus interlocutores e para agir sobre essas projeções. (...) as orações são formatos interacionalmente para a ação social. (CUNHA & CINTRA, 2007)

No modelo funcionalista, visa-se buscar explicações para o processo de constituição da oração, focalizando a organização desse formato linguístico a partir do uso efetivo da língua em situação de comunicação verbal. No sentido de Givón (2001 *apud* CUNHA & CINTRA, 2007) “o verbo é o coração semântico da oração”, pois é através deste que se define o tipo de situação e os papéis de seus participantes. Nesse artigo, pretende-se analisar a transitividade de orações constituídas, estritamente, por verbos psicológicos classificados como de sentimentos, segundo José Carlos de Azeredo (2000). Ou seja, verbos que expressam emoção, afetividade, etc., tais como: *amar, gostar, apaixonar, sentir, estimar, odiar, apaixonar-se*, dentre outros. Numa visão funcionalista, orações estruturadas com esse tipo de verbo revestem-se de um baixo grau de transitividade em decorrência da ausência de ação e intencionalidade e também da natureza do objeto.

Enfim, a presente análise se baseará nas charges seguintes, cujas orações a serem analisadas serão destacadas abaixo de cada uma delas:



Charge 01:

a. Eu odeio estes pneus. b. Eu adoro esses pneus.

Segundo a classificação da gramática tradicional, todas as duas sentenças são transitivas, apresentam um complemento verbal. Entretanto, na perspectiva do funcionalismo, estas sentenças apresentam graus de transitividade diferenciados, isto porque nesse modelo de análise, todos os elementos sintáticos devem ser considerados (sujeito, verbo e complementos), pois cada um apresenta peculiaridades que determinam a constituição da transitividade. Nesse sentido, pode-se dizer que as orações em 4 não apresentam uma alta escala de transitividade, visto que não contemplam todos os traços do complexo. Em (4a) há dois participantes (*Eu e estes pneus*); um verbo acinético (*odeio*), por não apresentar ação; não-perfectivo, por não apresentar uma ideia acabada e, não-pontual, já que não apresenta um fato concluído; um sujeito não-intencional (*Eu*); polaridade afirmativa, pois a oração é afirmativa; modalidade *realis*, visto que o verbo corresponde a um evento real, ou seja, está expresso no modo indicativo; um sujeito não-agentivo (*Eu*); um objeto não-afetado e não individuado (*estes pneus*), pois se trata de um objeto inanimado, singular.

A oração em 4b, assim como a oração em 4a, apresenta apenas três traços positivos: dois participantes (*Eu e esses pneus*), polaridade afirmativa, modalidade *realis*. Vale, também, elencar os traços negativos apresentados nessa oração: verbo acinético, não-perfectivo e não-pontual (*amo*), sujeito não-intencional (*Eu*) e objeto não-individuado (*esses pneus*); sujeito não-agentivo (*Eu*), objeto não-afetado (*esses pneus*). Observa-se, portanto que ambas orações (4a e 4b) apresentam uma escala baixa de transitividade.



Charge 02:

Eu gostei dos seus planos de governo!

Classificada como transitiva indireta pela gramática tradicional, a oração em (5) apresenta dois participantes (*Eu e seu plano de governo*); um verbo acinético, perfectivo, pois apresenta uma ideia concluída, e, pontual (*gostei*); um sujeito-não intencional (*Eu*) - contudo, considerando que a proposta funcionalista prima por ponderar o contexto, esse sujeito poderia ser classificado como intencional, visto que o personagem é forçado a dizer que gostou de algo, ou seja, há uma intenção por traz de sua afirmação; oração afirmativa; modalidade *realis* (verbo no indicativo); sujeito não-agentivo (*Eu*); objeto não-afetado e não-individuado (*seu plano de governo*). Como visto, a referida oração apresenta quatro traços positivos da transitividade.

Charge 3:



www.DrPepper.com.br
Me apaixonei por você

No exemplo (6) acima, a oração apresenta a oração apresenta três participantes (*Eu (oculto), me e você*); um verbo acinético por não configurar uma ação e perfectivo, por apresentar uma ideia concluída, e, pontual (*apaixonei*); sujeito-não intencional (*Eu*); oração afirmativa; modalidade *realis* (verbo no indicativo); sujeito não-agentivo (*Eu*); objeto não-afetado e individuado (*por você*). Percebe-se, assim que essa oração possui uma escala de transitividade acima das orações em (4) e em (5), pois apresenta sete traços positivos da transitividade.

Enfim, consoante a gramática tradicional, todas as orações aqui analisadas são transitivas, pois são compostas por verbos que necessitam de complementos. Todavia percebe-se que, na abordagem em estudo, o que se evidencia está além de uma relação entre o tipo de verbo e seu complemento, isto é, evidencia-se principalmente a relação sintático-semântica estabelecida simultaneamente com todos os elementos da sentença.

4. Considerações finais

A transitividade numa visão funcionalista consiste numa propriedade contínua da oração, um todo, e não uma propriedade categórica do verbo. É, pois, a gramática da oração, haja vista que é nela que se podem observar as relações entre o verbo e seus argumentos. Essa análise permite perceber que esse modelo desenvolve uma abordagem sobre a transitividade muito mais consistente do que as gramáticas tradicional e descritiva. Com isso, fica claro a necessidade de mais aprimoramento no modelo de explicação para a transitividade verbal, assim como sugere Luiz Francisco Dias (1999).

Esse estudo objetivou analisar orações organizadas com verbos psicológicos\sentimento finalizando examinar o grau de transitividade dessas orações, presentes em charges variadas. A análise permitiu perceber que orações estruturadas com verbos psicológicos tendem apresentar uma baixa escala de transitividade, muitas vezes, em vista da ausência de alguns parâmetros em seus argumentos, tais como: agentividade do sujeito, intencionalidade do sujeito, afetamento do objeto etc.

Estudar o referido fenômeno na perspectiva funcionalista revela-se de grande relevância para professores de língua portuguesa, uma vez que muito contribuirá para sua formação e qualificação profissional. Contribuirá ainda para instrumentalizá-lo para melhor compreender as limitações da gramática tradicional em relação aos fenômenos da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Pressupostos teóricos fundamentais. In: MARTELOTA, Mário Eduardo et al. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. *Verbos transitivos diretos: estrutura argumental sintática e semântica*. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

DIAS, Luiz Francisco. Fatos sintáticos e propriedades enunciativas: uma visão semântica da transitividade verbal. In: HORA, Dermeval da; CHISTIANO, Elizabeth. *Estudos Linguísticos: realidade brasileira*. São Paulo: Ideia, 1999.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. In: BRIGHT, William Oliver. (Org.). *Language: Journal of the Linguistic Society of America*, Baltimore: Waverly Press, vol. 56. n. 2. p. 251-299, 1980. Disponível em: http://latina.phil2.uni-freiburg.de/raible/Lehre/2006/Materialien/Hopper_Thompson.pdf.

MARTELLOTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem. In: ___ et al. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____ et al. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.